



Agustina e o erotismo da infelicidade

Agustina and the Eroticism of Unhappiness

Anamaria Filizola

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná/ Brasil

filizola@ufpr.br

<http://orcid.org/0000-0001-7930-2420>

Resumo: Este artigo aborda o modo como Agustina trata o tema da sexualidade em algumas de suas obras ficcionais e ensaios, partindo do conto “Um inverno frio” (1973), em que o assunto é tratado de forma concisa e enigmática. São apontados e comentados exemplos em outras obras, sem a pretensão de esgotar o assunto.

Palavras-chave: Agustina Bessa-Luís; sexualidade; literatura.

Abstract: This article addresses the sexuality issue as approached by Agustina in some of her literary works and essays, starting from the short story “Um inverno frio” (1973) [in English, “A Cold Winter”] in which the subject is approached concisely and enigmatically. Some examples are cited and spoken about, in other of her works, without intending to exhaust the issue.

Keywords: Agustina Bessa-Luís; sexuality; literature.

“Vale a pena investigar de que labirinto se evade uma sinceridade humana?”
(BESSA-LUÍS, 1992, p. 29)

“A minha profissão é romancear as coisas que em geral não são memoráveis nem aparentes.”
(BESSA-LUÍS, 1992.)

No *Livro de Agustina* (2002), já perto do final, a autora diz que, quem andar sempre a direito na Via Appia, regressa ao seu início e que também ela escreve sempre para voltar ao princípio. O contumaz leitor sabe do acerto dessa afirmação, pois a vasta obra de Agustina se dá a conhecer como uma espiral, cujo crescimento é abertura e retorno, mas um retorno com inovações. Agora que a obra de Agustina está acabada, existe a tentação de a interpretar através das suas próprias análises que a escritora produziu abundantemente em ensaios, prefácios, crônicas, comentários e entrevistas, no sentido de fixar a interpretação autêntica da sua escrita. Este propósito, narcisista e desmedido, torna-se uma armadilha que os estudiosos devem ter a coragem, e até a ousadia iconoclasta, de recusar.

Assim, talvez as datas com que fecha a maioria de seus textos sejam uma sinalização temporal para mostrar que as ideias se movem, tal como os astros no espaço infinito, em rotação. Assim acontece com o tema escolhido para este trabalho, qual seja, o do tratamento do erotismo por Agustina. O ponto de partida das considerações ao assunto deste trabalho é, de certo modo, aleatório. Não se trata de um levantamento exaustivo e cronológico, longe disso. Passeia-se pela Via Appia agustiniana mas com alguns desvios ou atalhos. A escolha do conto é certamente motivada pelo modo como o tema é tratado e por ter sido publicado em 1973, quando a autora, que estreara em 1948, já havia publicado cerca de dezoito títulos e no mesmo ano publicará a primeira de suas biografias, *Santo António*, ou seja, trata-se de uma escritora amadurecida e de reputação reconhecida.

O conciso e sugestivo conto “Um inverno frio”¹ é publicado na *Colóquio/Letras*. Dele Agustina vai declarar que caso perdesse tudo o que escreve, como numa cheia do Capibaribe, esse conto a representaria². O conto encerra tudo o que Agustina diz dele, securo, sugestão, palpites que levam a um final em aberto, muito ao gosto da escritora que, paradoxalmente, prima por ser prolixa em seus romances. Mas também as ficções de maior fôlego, algumas em díptico (*A biblia*

¹ BESSA-LUÍS, Agustina. “Um inverno frio”. In: *Revista Colóquio/Letras*. Ficção, n. 16, Nov. 1973, p. 53-55. O conto será incluído na segunda edição de *A brusca*, 1984, e na terceira edição d’*O livro de Agustina*, 2014.

² “Não quero dizer que não tenha prazer em construir bem um texto, mas o que eu gosto de fazer é uma história quase seca e sugerida por uma série de palpites e não pelo conhecimento da pessoa. Como *Um Inverno Frio*, um dos melhores contos que escrevi até hoje. Se todo o resto se perdesse, como nas cheias do Capibaribe, no Recife, bastava que esse conto ficasse para me qualificar.” (BESSA-LUÍS, 2002, p. 138).

dos pobres) e tríptico (*As relações humanas* e *O princípio da incerteza*), apresentam finais em aberto. A escolha pelo conto, no entanto, prende-se ao seu início, que dá a chave para as hipóteses interpretativas do que será narrado a seguir: “Agora que se divulga escolarmente o quadro da sexualidade, desde a erótica de famílias até a libertinagem tecno-urbana, lembra-me um caso que se deu em Bóveda, num Inverno frio” (BESSA-LUÍS, 1984, p. 171). A trama do conto diz respeito aos Galeões de Bóveda, gente descrita com pinceladas grossas, ou seja, traços pontuais que sugerem ao leitor alguns palpites. Dentre os Galeões destaca-se a figura de João Galeão, advogado, casado com Elisa, pai de quatro filhos. Em 1962, foi ao Porto “provar um fato de cheviote, assertoado”, e visitou um irmão da mãe, o tio Ascenso, antiquário “entendido em barroco exorbitante”. Passam um serão a falar “de assuntos elevados” e quando João vai à sala de jantar para servir-se de *brandy*, vê “a criada qualificada” que tratava das crianças e falava com elas em inglês. A cena vista por João é descrita em pormenores: a rapariga, de bruços no chão a quebrar avelãs com o salto do sapato, as crianças a rirem-se excitadas, o olhar da rapariga quando encara por um momento o convidado “que não pareceu impressionado”:

Tinha uns olhos a que as pestanas carregavam a cor. Eram castanhos, e os dentes eram arredondados e certos, O incisivo estava um pouco quebrado. João reparou nesse pequeno defeito, mas nunca mais lhe ocorreu nada daquilo. (BESSA-LUÍS, 1984, p. 173)

A partir desse evento, no prazo de dez anos,³ sucedem-se vários sinistros no âmbito familiar dos Galeões: “De repente, Elisa deu que falar”; uma afilhada de quinze anos “foi seduzida por um homem do campo, velho e já com seis filhos”; tio Ascenso teve ameaças de morte, uma sua criada provocou um incêndio em casa com muitos prejuízos, a mulher adoeceu e morreu quase imediatamente. “Era um espanto organizado”, sentencia a narradora.

³ Chamo atenção para os dois marcadores temporais do narrado, 1962 e 1972, a década de 60, identificada com a liberação sexual, a afirmação do movimento feminista, culmina com o Maio francês de 68, cujas repercussões no comportamento social, nomeadamente na moral sexual, serão universais. A literatura de Agustina não poderia deixar de representar de forma simbólica essa década mítica, ao mesmo tempo libertadora e assustadora.

João ouvia os relatos dos desastres acontecidos sem maiores reações, a vida corria-lhe bem.

A sua alma estava suspensa de uma memória que não chegara a abrir-se. [...] Em dez anos, João não mudara: os outros sim. A própria mãe se tornou um pouco azeda, um pouco herege, e morreu ao meio-dia, enquanto comia uma pera de água. Encontraram-na já fria, com os olhos abertos, um ar de ira sobrenatural no rosto miudinho. João beijou-lhe as mãos; ficou calado, sem lágrimas. E, de repente, viu na polpa do fruto a marca de um dente incisivo meio quebrado. Pôs-se a chorar, a chorar. “Meu Deus – disse –, meu Deus, Senhor!” (BESSA-LUÍS, 1984, p. 175)

O núcleo ficcional do conto termina aqui, com a repetição, à maneira de Proust, do incisivo meio quebrado, evento aparentemente inócuo que, passado uma década, o protagonista revive enquanto tragédia. O parágrafo final faz considerações sobre Bóveda no inverno e a casa dos Galeões de Bóveda, que fica num alto e pode ser vista da estrada, com suas janelas de guilhotina e “a chaminé que espalhava dantes o seu fumo espesso, constelação de fagulhas. Agora usam gás, ou não sei quê” (BESSA-LUÍS, 1984, p. 175).

O contraste entre o tempo em que a chaminé espalhava fumo espesso e constelação de fagulhas e o tempo em que usam gás ou outra energia que não a do fogo, faz paralelo com a racionalidade exigida por uma pedagogia para educação sexual, e a energia misteriosa da sexualidade. Os desastres não se explicam, não têm causalidade nem nexo entre si além do fato de acontecerem no âmbito familiar dos Galeões, mas veremos que isso não é pouca coisa. Não é por acaso que Agustina escolha a pera de água, e não o lugar comum da maçã, fruto bíblico associado ao erro e à desobediência. O conto não pretende ser moralista, muito menos pedagógico. A marca do dente quebrado na polpa da fruta é associada por João ao incisivo quebrado da criada qualificada que se ocupava das crianças em casa do tio Ascenso. É a memória que não chegara a abrir-se. Reage emocionalmente, chora e lamenta-se, ele, sempre fleumático face ao “espanto organizado.” Chora por si, pela memória que ficara suspensa, pela mãe morta? Enigma ou mistério, o conto não esclarece as possíveis dúvidas do leitor. Sua eficácia simbólica reside na sugestão de que sexo não se ensina, não se aprende. E não se sabe bem o que é que dispara os acontecimentos.

No entanto, a sexualidade é, desde há muito tempo, teorizada, e ainda mais a partir de Sigmund Freud. Agustina, como é sabido, é devedora das ideias freudianas e de vários outros psicanalistas e estudiosos da sexualidade⁴. “Foi em Esposende que eu li a obra de Freud como se fosse um romance devastador. ‘Depois disto nada fica intacto’, pensei” – declara Agustina na sua autobiografia (2002, p. 136). Não só os personagens beneficiam-se das ideias psicanalíticas, os sujeitos biográficos sobre os quais escreve igualmente são construídos e/ou interpretados com a mesma chave⁵. Florbela Espanca é exemplar nesse sentido. Ao longo da biografia que escreve da poetisa encontramos termos psicanalíticos que ancoram as análises de Agustina⁶. Mas, além da biografia, Agustina escreveu o prefácio ao livro de contos *As máscaras do destino*⁷.

Para ler a prosa de Florbela é preciso conhecer a mulher. [...] É tentador, de certa maneira, optar pela lucidez violenta de Otto

⁴ Cf. o ensaio “Sexualidade e literatura”, de 1990, publicado em *Contemplanção carinhosa da angústia*, p. 271-278, onde são citados vários estudiosos e escritores que se debruçaram sobre o assunto: Marcuse, Sartre, Octávio Paz, Flaubert, Henry Miller, Alan Watts.

⁵ Cito aleatoriamente um exemplo da biografia de Santo António, a mais esdrúxula de suas obras, na parte em que Agustina refere os milagres: “Uma mulher chamada Guilhermina tinha a perna esquerda mirrada e há anos que estava parálitica. Diz a *Legenda* que o marido a levou apressadamente em cima de um cavalo à igreja de Santa Maria Mãe de Deus. [...] O marido – devoto, diz a *Legenda* – colocou-a perante o túmulo, onde ela ficou em oração. E sobreveio-lhe um grande calor em que sufocava, pelo que a transportaram para fora, na intenção de fazer com que o ar frio a reanimasse. Contou ela [...] que, enquanto rezava, sentiu que lhe tocavam o ventre e que arrastavam o seu corpo. Como não visse ninguém perto, entendeu naquilo intervenção sobrenatural. Levantou-se e, alegre com o seu marido, voltou curada para casa. / Trata-se, muito evidentemente, do panorama duma histeria”, interpreta Agustina, desenvolvendo a seguir a sua análise (BESSA-LUÍS, 2000, p. 135-136). Os demais exemplos de milagres seguem o mesmo tipo de explanação.

⁶ Um dos modelos de biografia evocado em *Florbela Espanca* (1979) é a que escreveu Sartre sobre Flaubert e igualmente é uma biografia fundamentada na psicanálise e sabemos o quanto Flaubert é um escritor importante para Agustina, lembremos o romance *Vale Abraão* (1991), cuja protagonista, Ema, é reflexo da protagonista – de mesmo nome – de *Madame Bovary*. Tanto *As três mulheres de máscara de ferro* (2014) como *As metamorfoses* (2007, em parceria com Graça Morais) testemunham o apreço da autora por sua Ema, assim como por Fanny Owen e Quina.

⁷ Agustina data o término do Prefácio dia 17-7-1979 e o livro é publicado em 1981.

Weininger, que proclamou: “Mulher não é senão sexualidade, enquanto Homem é sexual e algo mais.” (BESSA-LUÍS, 1998, p. 16)

Weininger (1880-1903) é o controverso autor de *Geschlecht und Charakter* (Sexo e carácter), de 1903, e que ganhou fama depois do seu suicídio no mesmo ano, em condições espetaculares, na casa em que morrera Beethoven. Misógino, Weininger preconiza que para serem indivíduos realizados, as mulheres teriam que ultrapassar sua natureza. Continua Agustina:

Podemos acrescentar que *algo mais* é a [razão] “dum segredo e do qual o homem toma consciência de maneira contínua: a mulher apenas adquire essa consciência por desprendimento sexual, o que não é tão raro no ciclo da vida feminina como se pode supor.” (BESSA-LUÍS, 1998, p. 16)

Agustina é uma livre-pensadora e procura autores que, de certa forma, avalizem aquilo que ela pensa. Ela desenvolve uma interpretação bastante complexa da Florbela autora dos contos, mas que ao fim e ao cabo Agustina considera os contos “formais”, para agradar. Escreve como Eva, a sedutora, e procede como Lilith, a usurpadora, a megera radiosa que disputa o poder com o homem, a que ama desagradar:

Por isso parece repelente à sociedade e perturba os homens tão convencionalmente. ‘A megera absoluta não se sente jamais culpada.’ É ainda Weininger, esse anjo da destruição, quem diz isto – e com que lucidez! A culpabilidade é a própria teia de Penélope, o fio condutor da história. A história é a natureza culpada de Florbela ao longo duma vida mortificada. Ela não assume a sua culpabilidade, não se põe acima da sua acção de megera. Produz a santidade de salão que são os livros de amor, as histórias encantadas. (BESSA-LUÍS, 1998, p. 21)

[...] Temos de ler *As Máscaras do destino* com a confiança amigável que nos merece o diário duma adolescente, em que certa mediocridade talentosa anuncia os desejos que se evitam. (BESSA-LUÍS, 1998, p. 22)

Nessa mesma linha interpretativa, há um ensaio intitulado “Literatura e sexualidade – o reino de Bizâncio”, de 1993. Trata-se de

uma conferência⁸ em que o tema proposto é o da sexualidade na obra de Leon Tolstoi.

Para ilustrar este facto, vou escolher um protótipo de todos conhecido e que significa o que o médico e literato Georg Groddeck chamou o reino de Bizâncio. Vou falar de Leon Tolstoi como sendo o primeiro consumidor do reino de Bizâncio, como homem de letras, digamos.

O reino de Bizâncio começa quando o ser humano se petrifica. A mesma educação cultiva todas as pessoas, a escola põe a todos os seus discípulos as mesmas exigências. Ler e escrever é um índice de sabedoria a ser orientada no sentido do que é útil. As ideias que animam o homem até aos seus desejos e sobressaltos mais terríveis e mais sublimes tornam-se cada vez mais raras. [...] A sexualidade toma um carácter voluntarioso quando o reino de Bizâncio se desenha como o reino dos conhecimentos esmagadores. [...]

Notamos isso na obra de Tolstoi, que é um cidadão de Bizâncio. (BESSA-LUÍS, 2000, p. 261-262)

A argumentação de Agustina parte da biografia de Tolstoi (1828-1910). O biografema que escolhe como ponto de partida é o fato de no inverno de 1844-1845, em Kazan, o jovem Tolstoi não ter êxito junto das mulheres, “elas acham-no aborrecido”. Para superar isso, ele dispõe-se a estudar “Direito e Medicina: aprender francês, alemão, italiano e latim. Economia, história, matemática, pintura. E, o que é mais, decide escrever obras sobre essas ciências” (BESSA-LUÍS, 2000, p. 262). Para alcançar o objetivo de ser admirado socialmente, há que evitar as mulheres. O mau sucesso junto às jovens de Kazan há de “perturbar de maneira progressiva a sexualidade na sua obra”, sentencia Agustina e acrescenta que “vida real e ficção romanesca não se distinguem em Tolstoi.” A sua sexualidade é contrária ao cidadão de Bizâncio em que pretende tornar-se e manifesta-se numa espécie de enamoramento total pela natureza, o que o leva a preferir a mulher simples e bela do campo. Há muitos conflitos em questão: o seu meio social aristocrático que não está à altura do seu gênio; a camponesa com quem vive, Axinia, que se choca com a tradição que foi mantida por seus antepassados e que é a fonte dos seus romances. E então há a família Bers, cuja senhora é uma amiga de infância e mãe de oito filhos, sendo três meninas, educadas

⁸ Não constam informações sobre onde e quando a conferência foi proferida.

pelos mestres mais famosos. Uma delas, Sofia, “sente adoração por aquele homem célebre”. A atmosfera da comunidade feliz contrasta com o tédio em que vive e

pelo pé em Bizâncio. A ideia romanesca de casar com Axinia e distribuir as terras entre os camponeses é posta de parte; é substituída pela chamada da sua sexualidade, inseparável da sua literatura. (BESSA-LUÍS, 2000, p. 263)

Agustina vai desmanchando o novelo da vida de Tolstoi com a família Bers com detalhes que não cabe repetir mas que podem ser imaginados, pois ele tem o dobro da idade de Sofia que percebe no que está se metendo: casou-se com o escritor, “Adivinha que ocupará um lugar na vida sexual dele, mas que terá de renunciar aos seus sonhos romanescos.” A mãe da moça, Valéria, vale a pena lembrar, era amiga de infância do escritor, também ela tem parte no enredo, como mãe e como amiga. Não é de estranhar o fascínio de Agustina por essa história de incompatibilidades e decisões equivocadas:

A sexualidade impera numa vida de família com uma intensidade ofuscante. Sem a entrada de Tolstoi na casa dos Bers, em 1856, durante uma estadia no campo, nos arredores de S. Petersburgo, o escritor nunca teria enveredado pelo casamento. Faria uma vida de solteirão, amando Axinia, por quem nesse tempo já sentia algum tédio [...] Mas a vida de família exerce nele uma impressão profunda porque, como toda a vida de família, está impregnada duma sexualidade inquietante, lúcida e, ao mesmo tempo, disponível a toda a espécie de hipocrisia. (BESSA-LUÍS, 2000, p.265)
[...] Separado da casa dos Bers, o casal [Sofia e Tolstoi] não é mais o mesmo. (BESSA-LUÍS, 2000, p. 267)

O casamento é para Tolstoi um erro. Melhor teria sido manter a relação sem equívocos sentimentais com Axinia, a quem deixaria sem mais do que uma certa melancolia quando fosse mais velha e gorda. Sofia não é menos infeliz do que ele. Os ciúmes aumentam com a idade e com a fama alcançada por ele.

A força sexual de Tolstoi liberta-se através do que ele escreve. O desejo encontra satisfação na entrega total aos romances, como *Guerra e paz*, onde retrata a cunhada Tânia como primeiro personagem. [...] Como está longe de Bizâncio a pequena Tânia, pronta a ser seduzida e marcada! (BESSA-LUÍS, 2000, p. 268)

A vida em família, a casa com muitas pessoas, aborrece-o profundamente, ele precisa de solidão para escrever. Morre durante a viagem que o levaria a Yasnaia Poliana. No final do ensaio de Agustina há excertos de Georg Groddeck (1866-1934) sobre a não compreensão da mulher pelo homem. Groddeck, pelas citações que há no texto, não parece misógino como o jovem Otto Weininger, embora advirta que o homem e a mulher estão longe de se entenderem um ao outro ou mesmo de se entenderem a si próprios. As últimas palavras são de Agustina, sobre a sexualidade no tempo atual, que “é apenas uma prova do desamor entre os homens e as mulheres. Não é barbárie nem escândalo. Aproxima-se mais a chegada do reino de Bizâncio [...]” (BESSA-LUÍS, 2000, p. 270).

Além de atestar o interesse de Agustina pelo tema da sexualidade, o ensaio sobre o autor de *Ana Kerenina* faculta uma aproximação com “o espanto organizado” sofrido pela família dos Galeões de Bóveda nos anos 60, quando lemos o que a autora afirma sobre a sexualidade e a família. A educação sexual nas escolas não deixa de ser uma conquista do reino de Bizâncio no sentido do papel formalizador da escola... Da mesma forma, podemos entender melhor as afirmações sobre Florbela escritora de contos (falhados) para salão: a poetisa empreende uma busca nesse reino, se quisermos aplicar a noção que tão bem serviu para entender a biografia de Tolstoi. O lado Eva com que escreve é o pé em Bizâncio, o desejo de ser aceita pela sociedade dentro dos parâmetros que esta exige. Os contos carecem da força liberta de Lilith, a megera. A busca, por Florbela, da felicidade nos três casamentos é uma busca gorada, como foi para Tolstoi. O casamento, como o pensa Agustina a propósito do escritor russo, é uma opção equivocada, pois mistura desejo com sentimento. A produção literária de Tolstoi concentra sua sexualidade, daí a infelicidade de Sofia, que tem expectativas românticas do casamento. No caso de Florbela, Agustina fala mesmo em “desprendimento sexual” para o amadurecimento da escrita, para ultrapassar a impressão de “diário de adolescente” que a leitura dos contos provoca no leitor exigente.

O cinema, os livros e a D. Inês deram comigo em escritora. Tudo o que eu podia desfrutar do tempo infantil me parecia vulgar e estranhamente impróprio para mim. Eu amava a vida dos adultos, os seus perigos, mistérios, paixões, desgraças. O erotismo da infelicidade depressa o entendi como se fosse a vocação das pessoas. (BESSA-LUÍS, 2002, p. 52)

Eis a súmula das tramas dos romances agustinianos. Alguns são exemplares do “erotismo da infelicidade”, quer entendamos a infelicidade como fonte de um prazer masoquista ou o erotismo como fadado a ser infeliz. Assim como “Um inverno frio”, há muitos dos romances de Agustina em que o erotismo  transgressor, ainda que tratado sempre de forma insinuante e misteriosa. Penso em *Eugnia e Silvina* (1989b), romance que parte de um caso verídico, acontecido na década de 20 do século passado, nas cercanias de Viseu, em Ranhados. Silvina  julgada e condenada por ter matado o pai, João Alves Trindade, tendo como coautor o marido, Claudino Lopes Ribeiro e a criada, Albina Correia. Quem leu o romance sabe que Agustina revê o processo todo, insatisfeita com a descuidada instruo do mesmo e com a condenao de Silvina e seu marido a 25 anos de priso⁹. O crime hediondo do parricídio  principalmente justificado, ao longo do romance, pela hipótese do incesto entre pai e filha, cuja relao  muito tumultuosa. A entrevista a Clara Ferreira Alves (BESSA-LUÍS, 1989a), logo após o lançamento do livro, que saíra da gráfica em novembro, ilustra bem o interesse provocado pela trama irreverente, ainda que verídica. Mas a escrita da história, assim como a da biografia e mesmo a do romance, atende a uma demanda de verdade, ou de assunto, no caso do romance, que  condicionada pelo tempo em que a história ou a biografia ou o romance são escritos. Na entrevista Agustina diz que l, aos doze anos, um dos livros publicados a respeito do famoso crime da Poça das Feiticeiras: “Foi um tio meu que levou esse livro la a casa e li-o e fiquei com uma sensao de insatisfao.” (BESSA-LUÍS, 1989a)¹⁰. A quantidade de publicaos sobre o assunto  reveladora da repercussão do caso ao longo do tempo. Agustina participa dessa memória coletiva, e quando decide escrever sobre o crime investiga o processo, acerca do qual faz críticas de jurista, e apura a vida de Eugnia de Viseu e das suas parentes do mesmo nome, porque o pai de Silvina compra a Casa da Malhada – que fora de Eugnia – depois que volta rico

⁹ Claudino morre na prisão, Silvina  indultada depois de 18 anos. Virá a morrer, em Lisboa, onde fica a residir, sem nunca voltar a Viseu, em 1961, aos 73 anos.

¹⁰ Na altura em que Agustina tinha 12 anos, ou seja, 1934, haviam sido publicados pelo menos três livros sobre o assunto: *O crime da poça das feiticeiras: inocentes ou culpados* (1927), do Repórter X; *O crime da poça das feiticeiras* (1931), de Gilberto de Carvalho; e *Sangue e dinheiro: o drama da “poça das feiticeiras”* (1931), de Alfredo Marques. Outros títulos seriam posteriormente publicados.

de São Tomé, para onde vai trabalhar como feitor numa roça dos Silva Mendes. No romance de Agustina, mesmo antes de partir para a antiga colônia, João Trindade, apesar de dez anos mais novo, é apaixonado por Eugénia. Essa paixão que podemos chamar de amor de perdição, vai ser, muito mais tarde, o motor do incesto e do crime:

João Trindade, filho de um rendeiro dos Silva Mendes [...] teve por Eugénia um amor desgraçado, destes que não têm aviso e decorrem nos limites da razão. Todos são dele testemunha e o padecente ignora-o. Foi assim que João Trindade, por transferência e destronamento do seu desejo autêntico, como que por bastardia do seu sentimento profundo, deu em praticar o amor com Maria Augusta e em entregar-se-lhe com a desesperação dum amante sem direitos e sem ilusões até. Maria Augusta ficou grávida quando Eugénia Viseu morreu em 1888, ou um pouco antes disso. João Trindade embarcou para S. Tomé [...].

O que é a morte dum amante que não se teve, que nunca provou a aliança que se consuma na cama, só o pode dizer um rapaz de vinte anos, criado para servir patrões de grande fortuna e prestígio social, e para quem a mulher amada, mais do que a mulher do outro, é uma espécie de teologia abreviada. (BESSA-LUÍS, 1989b, p. 46-47)

Maria Augusta muda-se para Lisboa, Silvina, que não é reconhecida pelo pai, é criada pelos avós paternos e é educada em colégio religioso. Quando ela deixa o colégio é recebida pelo pai na Casa da Malhada, onde ocupa o quarto que fora de Eugénia. Há, da parte de João Trindade, uma inequívoca transferência de sentimentos de Eugénia para Silvina que fará a convivência de ambos muito difícil, com mais animosidade do que tréguas. O romance está longe de ter a concisão do conto, mas a força do desejo e tudo que lhe advém está presente de forma mais ou menos explícita, tal como está anunciado na citação acima. A relação de Eugénia com seu pai também tem uma cumplicidade intensa. Há um pretendente da moça que é motivo de riso entre pai e filha. Enfim, as relações são sempre transviadas.

Mas o incesto é uma hipótese que não pode ser comprovada. No romance, ora é uma intenção decorrente da transferência dos afetos e desejo, como já dito, ora é uma realidade inevitável.

Não é fácil precisar a data em que se tornaram amantes, pai e filha, se isso chegou a suceder. Inclino-me a pensar que foi depois de Silvina ter casado, quando o marido dela foi à África para

rematar negócios. [...] Antes disso viveram quinze anos lado a lado, consumidos por uma dessas paixões sinistras e frugais que se sustentam dos seus próprios recursos para fazer dominar uma vontade egoísta. (BESSA-LUÍS, 1989b, p. 167)

Na entrevista, Agustina coloca-se do lado de Silvina: “A Silvina tem uma personalidade colérica, e não me repugna pensar que ela matou realmente o pai. Ela foi provocada até ao extremo.” (BESSA-LUÍS, 1989a, p. 69). A entrevistadora questiona o fato de o incesto ter sido menos censurado em tempos passados, enquanto a homossexualidade foi sempre mais reprimida. Agustina responde:

Lembro-me de ser miúda e de haver um casal de irmãos que viviam e tinham filhos com todo o respeito da comunidade. Lembro-me de já na altura dizer que aquilo era terrível e me ser respondido: ‘Sim? Mas os nossos primeiros pais, com quem é que viviam?’ E eu explicava que eram os anjos...riam-se imenso.” (BESSA-LUÍS, 1989a, p. 70)

O leitor há de evocar alguns dos romances de Agustina, como *As fúrias* (1979) ou *A ronda da noite* (2006) em que há casais de irmãos cuja relação é ambígua. Tal qual a remota leitura do livro sobre o crime da Poça das Feiticeiras permanece na memória de Agustina, o espanto perante a família dos dois irmãos volta em desassossego, nos seus romances, mas sempre de forma dúbia, eu diria mesmo frouxa. Nada é declarado da parte da narradora. Há uma ligação forte, viajam juntos, andam juntos. Na entrevista, diz Agustina que o terrível do incesto é a degeneração dos filhos, enquanto que para a homossexualidade, “É a reprovação da ligação de duas pessoas em vista da obtenção de um prazer.” Questionada sobre ser isso condenável, Agustina responde: “Qualquer manifestação obsessiva é condenável na medida que distrai o indivíduo como elemento útil de uma sociedade.” (BESSA-LUÍS, 1989a, p. 70).

O interdito absoluto do incesto entre pai e filha está já presente em *Os incuráveis* (1956), saga da incomunicabilidade familiar ao longo de gerações, marcada pela desrazão de sentimentos e sentidos. Neste romance, o interdito sobrepõe-se, enquanto manifestação obsessiva e perturbadora, às atrações entre irmãos (“Os irmãos” é, aliás, o título da segunda parte do romance). A paixão inquieta de Alberto Cales pela filha Catarina encontrará um atalho na tentativa de homicídio de Honorato, o genro, pelo sogro. Na geração seguinte o entusiasmo do próprio Honorato pela filha Carolina

[...] tomava foros de escândalo, os criados murmuravam, vendo como ele a beijava, a fazia sentar nos seus joelhos, lhe tocava com uma avidez tímida que constrangia olhar [...]. Honorato enrolava-lhe devagarinho na nuca os anéis do cabelo, ela quase dormitava contra o seu peito, cheia de uma amargura nervosa, de rapariga, apeteecendo-lhe romper em grandes soluços, e rir e dançar [...]. (BESSA-LUÍS, 1982, v. 1, p. 249-250)

A homossexualidade vai ser trabalhada por Agustina em *Ordens menores* (1992), *roman-à-clef*, cuja chave é o poeta e ficcionista José Régio, retratado ficcionalmente¹¹ como professor Natan, preceptor do belo e rebelde Luís Matias, retrato construído numa homologia com Sócrates e seu discípulo Alcibiades. Assim como o pano de fundo de *Eugénia e Silvina* é transição da Primeira República para o Estado Novo, em *Ordens menores* a conjuntura é o 25 de Abril e a descolonização de Portugal, também com numa homologia com a descolonização de Atenas. O desejo de Sócrates pelo discípulo efebo não se realiza: como é sabido, Alcibiades impõe sua contrariedade. O desejo de Natan por Luís Matias permanece ambíguo mas a atração mútua, que é muito da ordem do intelecto, é percebida como um vapor que escapa de onde está a fervura, ou como um fumo leve que faz arder os olhos, ou ainda um nevoeiro que entra pela janela aberta e deixa umidade sobre as superfícies:

Tanto o professor como Luís Matias sabiam que haviam de separar-se por força da sua própria ligação. Não era bom revelarem-se tanto, e um dia haviam de buscar pretexto, nem que tivessem de recorrer à infâmia, para se afastarem um do outro. Por enquanto todos pareciam desfrutar desse laço que os unia e, consultados, os amigos de Natan, e a própria dona Xan, sua mulher, haviam de se mostrar alegres com a presença e assiduidade de Luís Matias.

¹¹ Há biografemas inequívocos de José Régio, como o fato de ser professor reformado de francês, depois de ter lecionado fora, de colecionar santos e outras velharias; a biblioteca, traços físicos, as tertúlias no Bar Neptuno, que faz às vezes do Diana Bar, os amigos, entre eles o José Tibério, que corresponde ao poeta Fausto José, entre outros. No entanto, no tratamento ficcional, o professor é casado em segundas núpcias com dona Xan (porque há a homologia com Sócrates, casado com Xantipa), tem dois filhos e a vida familiar funciona mal, não se harmoniza com a vida intelectual do professor. Dona Xan é insatisfeita sexualmente, queixa-se de falta de dinheiro. Pai e filhos se ressentem da falta de afinidades mútuas.

Porém, às vezes, muito de raspão, havia um ligeiro toque de alarme, uma campainha soava muito longe como se avisasse de um perigo. (BESSA-LUÍS, 1992, p. 130-131)

Perguntada se era capaz de descrever uma cena sexual num romance se quisesse, Agustina responde que não, nunca o fez por uma questão de educação:

As pessoas são educadas no estilo vitoriano e não começam a transgredir, porque é muito perigoso. Não tem nada a ver com o bem ou o mal, é perigoso, é uma traição à linha da educação, que pode dar péssimos resultados, desajustes, doenças. Pode-se ficar com um eczema terrível. Devemos ter fidelidade à linha da educação porque toda a conversão é perigosa. [...]

C.F.A. Não se pode passar de um extremo a outro...

Não, não pode. A natureza não dá saltos, nunca. (BESSA-LUÍS, 1989a, p. 68)¹²

Imagino que Agustina se riu da resposta. Como certamente se riu da pergunta. A enfiada de perigos que podem decorrer de uma cena de sexo explícito lembra “o espanto organizado” acontecido aos Galeões de Bóveda, em que não há eczemas, mas sim o cabelo esverdeado de Elisa. A educação vitoriana estaria mais longe do reino de Bizâncio? A resposta não combina muito com Agustina, eu diria. Mas ela não responde o que pode ser o óbvio: descrever para quê, se tudo pode ser somente insinuado, deixado na penumbra ou no comportamento ambíguo, no mistério, num retrato em *sfumatto*, como ela escreve o sexo na sua ficção desde sempre¹³, deixando para o leitor imaginar e completar o implícito

¹² Dê ou não saltos a natureza, no conto *Dominga* (1999) há a sugestão da paixão de Antoine Saint-Exupéry por um rapazinho, que teria sido sublimada pelo escritor em *Le petit prince*. Vale lembrar que o conto é repleto de acontecimentos insólitos. Diferente de Florbela Espanca e Leon Tolstói, escritores cuja correspondência vida-obra e, neste caso, sexualidade e obra, é trabalhada por Agustina em discursos não ficcionais, a ousada sugestão da paixão de Saint-Exupéry pelo menino é relatada pela protagonista do conto, Dominga, senhora que, apesar de gostar muito do marido, tinha tido uma forte paixão pelo autor francês. Em *Mundo fechado* (1948) há atração de Pedro pela jovem viúva bordadeira e uma não consumação do ato sexual por asco de Pedro ao perceber que se deitaria na mesma colcha que o marido doente da pobre mulher; a cena é forte. E na *Sibila* (1954), temos a dúbia relação de Quina e Custódio.

¹³ No *Livro de Agustina*, relata a autora que depois que leu Freud foi a vez das leituras germânicas: “De repente, encontrei-me adulta (...). O caráter inacabado dos meus

com o que quer que queira. A educação de Agustina não foi somente a convencional, ou burguesa, como ela alude em certo momento da entrevista quando é questionada por insistir, em *Eugénia e Silvina*, nos “ourifícios”, na “boca”, na “vagina”. Ela responde que foi a primeira, entre escritores, a utilizar tais palavras com normalidade. E acrescenta:

Tive uma educação paralela à educação burguesa, com gente do campo, umas tias de meu pai, casa onde se falava com naturalidade de tudo. Falava-se com dignidade e não se dizia sexo dizia-se mais explicado ainda. (BESSA-LUÍS, 1989a, p. 70)

As entrevistas têm o dom de trazer ao leitor algumas revelações, digamos assim, do autor dos livros que lê. Mas o que é dito não tem relação direta com o que foi escrito. “Vale a pena investigar de que labirinto se evade uma sinceridade humana?” – já perguntou Agustina noutro troço da sua *Via Appia* (1992, p. 29). No caso da entrevista a Clara Ferreira Alves, boa conhecedora da obra de Agustina, relativamente pouco é dito sobre o tema do romance, mas a jornalista aproveita os assuntos que são ali tratados para obter respostas categóricas ou mais explícitas. Nesta aproximação que ora faço à obra agustiniana, a entrevista importa justamente pelas questões de ordem sexual que o romance trata e a jornalista aborda e Agustina responde. Tais questões são evidenciadas pelas letras garrafais em que o título da matéria – também ele espalhafatoso – é grafado. É como se dissesse: “Esta senhora, aquecida pelo seu xaile de lã e pelo chá com doce de pêsego, na sua casa do Porto, esta senhora, meus senhores, também fala sobre sexo!”

Fala, pondera, sugere, escreve. E de que maneira!

livros, que eu não me acanho de demonstrar, é um estigma infantil. O estigma que já estava nos desenhos escolares e depois noutros mais elaborados na academia do *Silva Porto*. **Eu gostava do esfumado que dava ao traço uma indefinição e obrigava a imaginação a completá-lo.**” (BESSA-LUÍS, 2002, p. 136, grifo meu).

Referências

- BESSA-LUÍS, A. Agustina – o sexo, o amor e a morte. Entrevista a Clara Ferreira Alves. *Revista do Expresso*, Lisboa, 1 de dezembro, p. 66-71, 1989a.
- BESSA-LUÍS, A. *Contemplação carinhosa da angústia*. Sel. e intr. Pedro Mexia. Lisboa: Guimarães, 2000.
- BESSA-LUÍS, A. *Conversações com Dmitri e outras fantasias*. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.
- BESSA-LUÍS, A. *Eugénia e Silvina*. Lisboa: Guimarães, 1989b.
- BESSA-LUÍS, A. *O livro de Agustina*. Torres Vedras: Três Sinais, 2002.
- BESSA-LUÍS, A. *Ordens menores*. Lisboa: Guimarães, 1992.
- BESSA-LUÍS, A. *Os incuráveis*. 2. ed. Lisboa: Guimarães, 1982-1983. 2 v.
- BESSA-LUÍS, A. Prefácio. In: ESPANCA, Florbela. *As máscaras do destino*. 7. ed. Venda Nova: Bertrand, 1998. p. 9-25.
- BESSA-LUÍS, A. *Santo António*. 2. ed. Lisboa: Guimarães, 1993.